

bulunga

A REVISTA QUE NINGUÉM LÊ

março de 2025 - número 39



NESTE NÚMERO, tivemos a ousadia de ENTREVISTAR UM

PRESO POLÍTICO

BULUNGA, A REVISTA QUE NINGUÉM LÊ

Temos muita sorte porque ninguém, ou quase ninguém, além de nós mesmos, lê esta revista. Já pensamos em sortear carros, motos, smartphones, smartwatches, só para ver se as pessoas se interessam pelo nosso conteúdo, mas acabamos desistindo. Estamos com quase 2 milhões de acessos, mas podemos explicar: diariamente, cada um dos nossos participantes entra 20, 30, 50, 100, 300 vezes ou mais em nosso site, e assim aparece esse número absurdo na contagem de visitantes. Nossos textos são muito longos, colocamos poucas imagens e não comentamos sobre o Big Brother, não entramos em questões de fofocas de cele-

bridades nem divulgamos os resultados do Jogo do Tigrinho, mas o bom é que, dessa forma, por sermos tão pouco vistos e dificilmente seremos descobertos pelos censores de plantão, que estão sempre de prontidão para reprimir qualquer manifestações contrárias ao regime, enviando sua Polícia Sacerdotal para prender e torturar os autores de comentários jocosos acerca dos ditadores democratas.

Para falar a verdade, detestamos política, somos uns velhos alienados e passamos o nosso tempo jogando damas, biriba e truco. Aliás, trucar é o que os nossos políticos mais sabem fazer, alardeando suas mentiras nos plenários, para garantirem os votos fiéis de seus débeis eleitores.

O Brasil não é um país bom para se viver. É como definiria Calvin para seu tigrinho Haroldo, personagens da tirinha de Bill Watterson, acerca do inferno: "é como estar

diante da mais fabulosa máquina de Fliperama e não ter fichas para jogar". É um país lindo, porém, infestado de ladrões, o que o torna uma terra inóspita para quem é do bem. É um país onde o criminoso é considerado vítima da sociedade, onde é normal roubar um celular para poder comprar uma cervejinha, onde se pune severamente uma mulher que reproduziu a fala de uma autoridade, escrevendo a frase com batom em uma estátua, enquanto bandidos que roubaram bilhões são libertados.

Temos a sorte de ser burros, conforme mencionamos na edição anterior, que ninguém leu, e assim não nos damos conta dos absurdos, dos abusos, das injustiças, da inversão de valores e de tudo de ruim que está ocorrendo no país, e assim vamos tocando as nossas vidinhas frouxas, comendo o nosso capim sem agrotóxicos sem maiores expectativas de dias melhores.

Michel Salomão

ENTREVISTA

PRESO POLÍTICO

Em primeiríssima mão, a Revista Bulunga conseguiu furar o cerco para entrevistar um preso político dos tempos atuais. Ele já havia sido detido em 1980, na época da Ditadura Militar, que muitos insistem não ter existido, mas que deixou marcas em uma geração de piratas que se diziam revolucionários, e que agora tomou o poder com sangue nos olhos, pronta para tirar o atraso e saquear os cofres do Estado.

Mas vamos procurar saber as razões deste pacato cidadão, uma vez mais privado de seus direitos fundamentais: antes, pela direita, e agora, pela esquerda. Pelas prerrogativas que possuímos como jornalistas, com relação a questões de sigilo de nossas fontes, nos resguardamos o direito de não divulgarmos o nome do entrevistado, a não ser que façam cócegas em nossos pés.

BULUNGA - Você tem ligação com algum grupo político, terrorista, baderneiro, rebelde, RPG, anarquista, iconoclasta?

PRESO POLÍTICO - Nem sei o que é isso. Mas nunca mexi com política. Só participava de um grupo de purrinha lá do bairro. A gente sempre jogava depois do serviço.

BULUNGA - Qual é a sua profissão?

PRESO POLÍTICO - Eu era motorista de Uber. Estava desempregado há um tempão e aí resolvi pegar um carro emprestado com um amigo. Trabalhava durante o dia e ele à noite. Pagava para ele 40% do que recebia.





BULUNGA - Mas o que você estava fazendo naquele lugar, no exato momento da manifestação?

PRESO POLÍTICO - Sempre que eu passava por ali e queria fazer as minhas necessidades, parava no Palácio para usar o banheiro que fica antes da recepção. É aberto ao público em geral. Dizem que naquele prédio rola muita sujeira, mas o banheiro de lá é limpinho.

BULUNGA - Você não observou que estava tendo uma grande manifestação naquele dia?

PRESO POLÍTICO - Como poderia? Estava tão apertado que pensei que ia fazer tudo nas

calças. Saí correndo que nem um louco e só então vi que a recepção estava cheia. Cheguei a pensar que aquela gente toda estava na mesma situação que eu, doida para fazer um barro, e assim corri para não perder o meu lugar.

BULUNGA - E você chegou a usar o banheiro ou foi barrado na porta?

PRESO POLÍTICO - Tava tudo liberado. Os policiais estavam jogando "Free Fire" nos seus celulares. Mas fiz o serviço rapidinho, e no final percebi que não tinha papel higiênico. Foi aí que apareceu um cara legal que estava com um livrinho na mão, rasgou algumas folhas e me deu.

BULUNGA - Que livrinho era esse?

PRESO POLÍTICO - Ah, era um livro sobre leis...

BULUNGA – Não seria a Constituição Federal?

PRESO POLÍTICO - Isso mesmo! Pra que serve esse livro?

BULUNGA - Pra nada... pra nada...

PRESO POLÍTICO - E aí quando estava saindo do banheiro surgiram uns fotógrafos e tiraram fotos da lixeira onde eu estava. Depois vieram uns soldados com cacetetes, soltaram umas bombas de fumaça, e aí todo mundo correu pra dentro do prédio, pra se esconder. Tinha velhinhas, crianças, aleijados, vendedores de algodão-doce, mendigos, um monte de gente, e prenderam todo mundo.

BULUNGA - Parece que você já havia sido preso nos anos 80, por motivos políticos, nos tempos da ditadura militar...

PRESO POLÍTICO - Foi na época em que eu

morava em um barraco e não tinha porta no banheiro. Aí eu ganhei uma bandeira do Brasil e pendurei lá, para ninguém ver a gente fazendo as coisas, pois morava com mais 9 rapazes. Só que alguém alcaguetou e prenderam todo mundo, dizendo que a gente era comunista.

BULUNGA - E vocês ficaram muito presos por muito tempo?

PRESO POLÍTICO - Ficamos uns quatro dias. Bateram na sola de nossos pé com pedaços de paus, deram choques elétricos e falaram para não fazermos mais isso.

BULUNGA - E agora? Há quanto tempo você está preso?



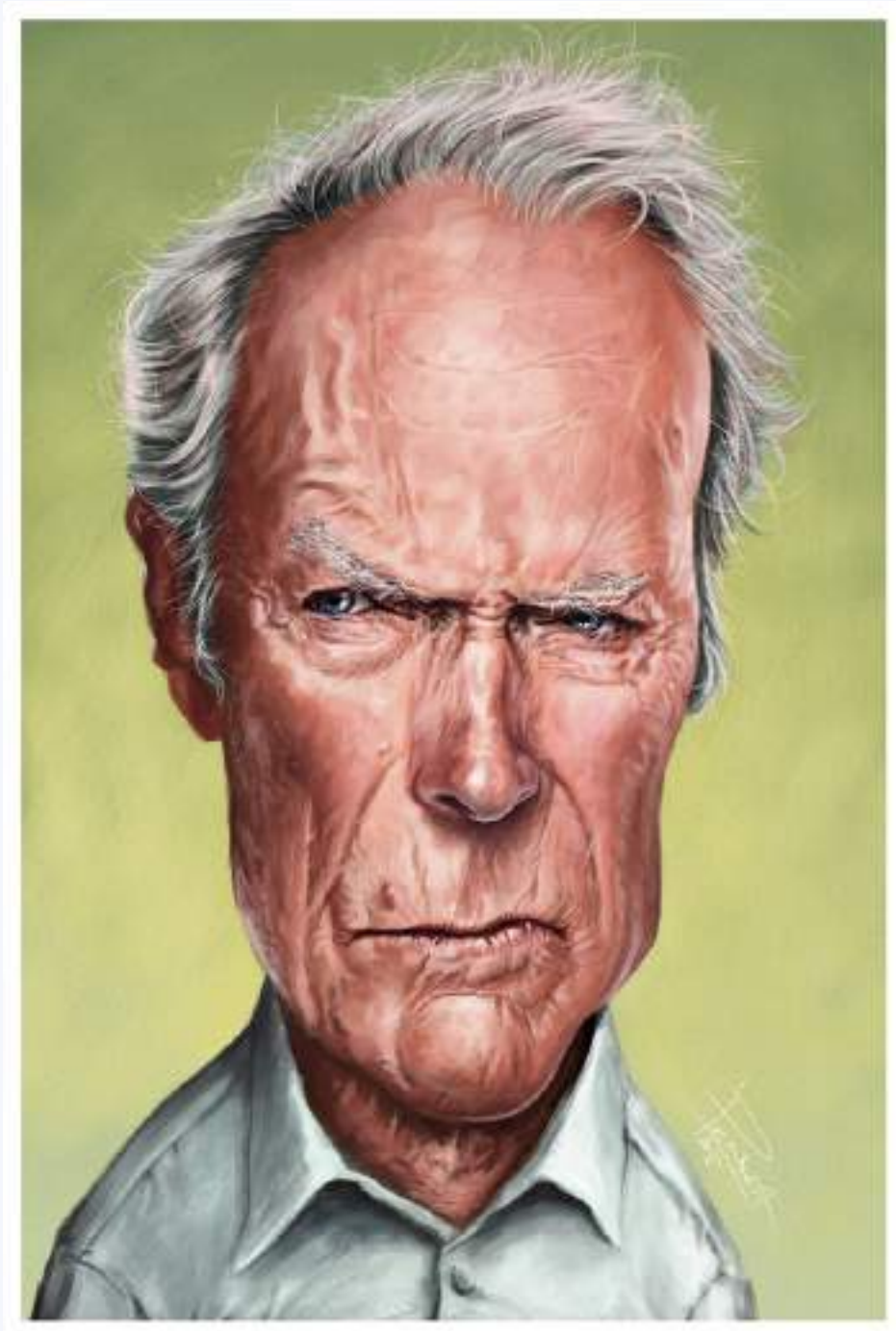
PRESO POLÍTICO - Ah, já tem mais de dois anos.

BULUNGA - Dois anos? Você não tem um advogado?

PRESO POLÍTICO - Tenho não. Mas dizem que não adianta nada, pois nem eles podem ver o processo. E aí a gente vai ficando por aqui. Soube que teve uma mulher que pegou uma cana brava só porque escreveu uns troços na estátua com batom. Sorte que eu não uso essas coisas. Sou macho!

BULUNGA - Você tem algo mais a declarar?

PRESO POLÍTICO - Olha, agora a coisa está até melhor: pelo menos aqui tem um monte daqueles livros no banheiro, a Constituição, para a gente se limpar.



Jorge F. Isah

Clint Eastwood

O que você imagina fazer quando estiver na terceira idade, ou como o politicamente correto denominou, a melhor idade? Bíngo, dominó, fisioterapia ou levar o totó para sujar o passeio do vizinho?

Não sei quanto a você, se pensa, já pensou, ou está a realizar e aproveitar as fantasias da aposentadoria entre uma dose de remédio para pressão, diabetes ou ansiedade, e a ida ao geriatra ou terapeuta, mas em se tratando de Clint Eastwood, aos 94 anos, o homem está ativamente envolvido na produção, direção e, ainda, interpretar ou fazer pequenas pontas em seus filmes. Eastwood é o caso de talento longo, persistente e indomável. O homem é uma máquina do cinema, não apenas pelo número de produções, mas sobretudo pela qualidade delas.

De memória, recordo-me apenas de um grande diretor a produzir e dirigir em idade tão provecta: Akira Kurosawa, mas nada comparado ao velho Clint. O japonês compôs "Depois da Chuva", finalizado pelo discípulo Takashi Koizumi, após morrer durante as filmagens, aos 88 anos. Nada, porém, se compara à persistência do americano.

Nascido em São Francisco, em 1930, filho de Clinton Eastwood e Margareth Ruth, era o irmão mais velho da família de dois filhos, classe média e com ascendência europeia. Formou-se aos 19 anos no en-

sino médio, e durante este período exerceu vários trabalhos, de atendente de posto de gasolina a pianista em bares na cidade de Oakland, próxima de Piedmont, onde residiu na juventude.

Ingressou no curso de artes na "Los Angeles City College", mas, após dois semestres, desistiu.

Em 1950, convocado pelo Exército para lutar na Guerra da Coreia, sofreu grave acidente de avião enquanto fazia manobras e treinamento. Por conta disso, não foi ao conflito e recebeu baixa. Então, ingressou no cinema fazendo pontas e pequenos papéis, muitos sem crédito, até que em 1958, tornou-se o cowboy Keith Williams, no western "Ambush at Cimarron Pass". Anos depois, diria que este foi o filme mais fraco em que participou.

1959 foi quando realmente começou o sucesso, não no cinema, mas na tevê, ao participar de alguns episódios da série "Maverick" protagonizada por James Garner; e atingir a popularidade ao interpretar o seu primeiro grande papel em "Rawhide", que teve seis temporadas.

Mas a sua paixão era o cinema, e em 1964 aceitou o

convite do diretor italiano Sérgio Leone para protagonizar a icônica "Trilogia do Dólar", onde interpretou "O homem sem nome". Ele não foi a primeira opção, mas após ouvir o "não" de Richard Harrison, este indicou Clint para Leone. Os três filmes lançados respectivamente em 1964 (Por um punhado de dólares), 1965 (Por um dólar a mais) e 1966 (Três homens em conflito) foram estrondosos sucessos de público e catapultaram Eastwood ao estrelato internacional.

Depois disso, o ápice da parceria com o diretor Don Siegel, com quem fez vários longas, foi interpretar o policial durão e mal-humorado Harry Callahan, em "Dirty Harry" (Perseguidor Implacável), talvez o melhor trabalho conjunto entre eles. Vieram outros filmes da franquia, que foram igualmente exitosos.

Em 1988, começou a construir uma carreira ainda mais sólida como diretor ao lançar "Bird", a cinebiografia de Charlie Parker, e render-lhe o Globo de Ouro de melhor diretor, a Palma de Ouro do Festival de Cannes ao ator Forest Whitaker, além do Oscar de melhor mixagem de som.

Em seguida, voltou ao estilo western com o filme "Os Imperdoáveis", onde reuniu no elenco astros como Gene Hackman, Morgan Freeman e Richard Harris. O filme foi sucesso de público e crítica, permanecendo por semanas como o No. 1 nas bilheterias americanas. Rendeu ainda os dois primeiros Oscar para Eastwood: melhor filme e diretor, e de ator coadjuvante para Hackman, entre várias indicações como Clint para melhor ator, melhor direção de arte, melhor fotografia, melhor mixagem de som e melhor roteiro.

A segunda premiação do Oscar veio com "Menina de Ouro"(2004), onde ganhou novamente a estatueta de melhor filme e direção; Hilary Swank levou o de melhor atriz, Morgan Freeman de melhor ator coadjuvante. Novamente, Clint foi indicado para melhor ator e o filme ainda recebeu indicações para melhor roteiro adaptado e melhor edição. Foi outro triunfo de público e crítica.

No ano anterior, havia concorrido em várias categorias com "Sobre meninos e lobos", que venceu nas categorias de melhor ator principal (Sean Penn) e melhor ator coadjuvante (Tim Robbins).

Muitos são os filmes seguintes em que produziu, dirigiu e interpretou, destacam-se: "A conquista da honra", "Cartas de Iwo Jima", "Invictus", "Gran Torino", "American Sniper", "A Mula", "Cry Macho", e mais recentemente "Jurado No. 2".

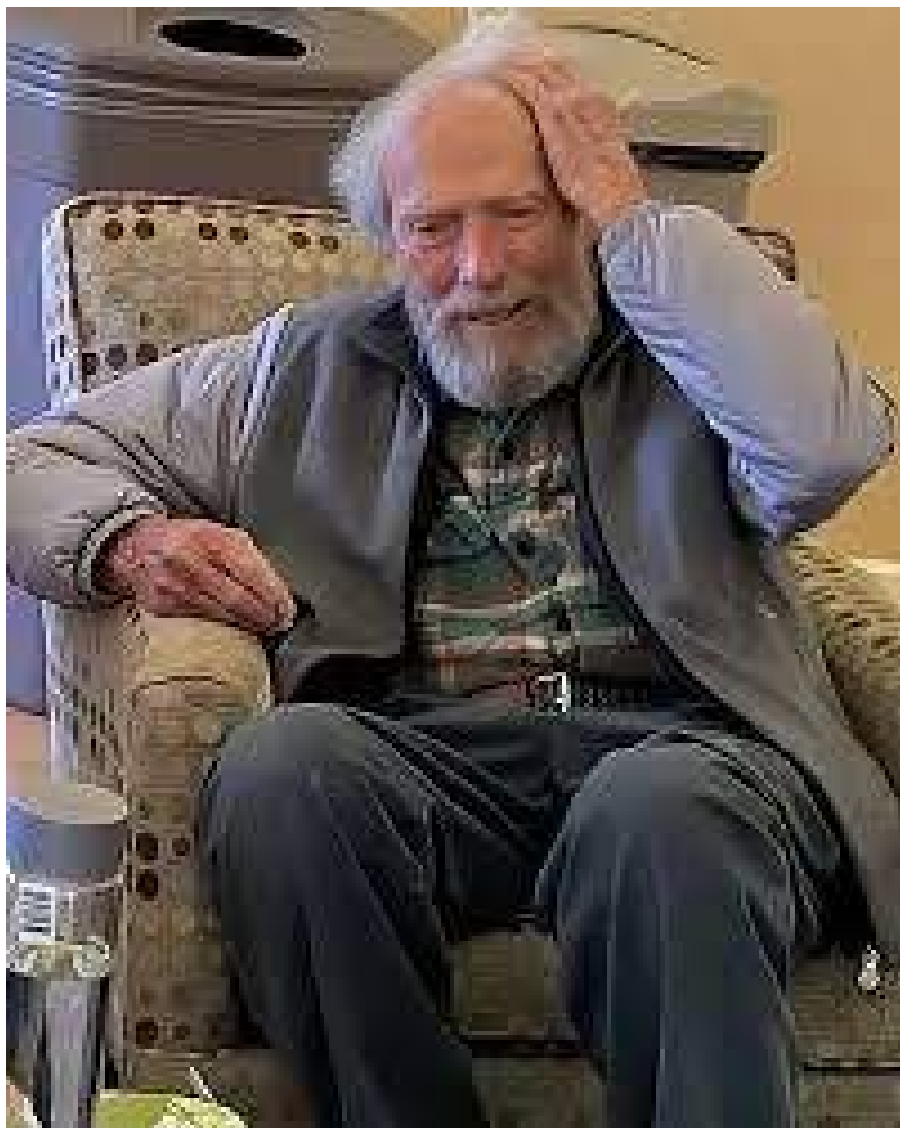
Durante a carreira, Clint Eastwood recusou vários personagens: Willard de "Apocalypse Now" (não estava disposto a ficar 4 meses nas Filipinas, assim como Steve McQueen, primeiro a desistir do papel); substituir Sean Connery em "James Bond" (considerava difícil tomar o lugar e o legado do escocês); "Superman", "Batman" e, por fim, Rick Deckard em "Blade Runner".

Mesmo ao declinar papéis icônicos, sua carreira sempre esteve em ascensão, e, nonagenário, Clint Eastwood é o emblema vivo de um dos maiores atores, produtores, diretores e realizadores do cinema. O fato de estar na ativa não é o mais surpreendente, mas a qualidade artística sem embaraços, sem abrir mão da realidade, perspicácia, lucidez e maestria; exemplo de amor à vida, ao cinema, aos espectadores e, sobretudo, à arte.

É possível não gostar dos seus filmes? Sim, claro. Mas, como na peça de Shakespeare, você estaria a fazer muito barulho por nada. Relaxe, pegue o balde de pipocas e deleite-se diante da tela.

Há muitos "Clints" para assistir e ouvir¹. E, certamente, ao menos um deles o conquistará.

Nota: 1 - Ele também é músico e compositor. Lançou vários discos solos e com banda, desde 1961.



FRASES

"Fui aconselhado a não fazer praticamente nada do que fiz até hoje".

"Eu era sempre o cara novo na turma. Os valentões pensavam: 'Lá vem o altão desengonçado. Vamos testá-lo.' Eu era tímido, mas passei grande parte da infância socando os valentões."

"Eu tenho uma política de controle muito rigorosa de armas: se há uma arma por perto, eu quero estar no controle dela"

"Não sei se dá para dizer exatamente quando começou essa geração maríquinha. Talvez tenha sido quando as pessoas começaram a se perguntar sobre o sentido da vida."

"Sempre me considerei individualista demais para ser de direita ou de esquerda"

"Meu pai morreu subitamente aos 63 anos. Simplesmente caiu morto. Por muito tempo, me perguntava: Por que não joguei mais golfe com ele? Por que não passei mais tempo com ele? Mas quando se está tentando fazer sucesso, a gente

ignora essas pequenas coisas. Isso te dá um certo arrependimento mais tarde, mas não há nada que se possa fazer. Você simplesmente segue em frente."

"Eu não acredito no pessimismo. Se algo não vem do jeito que você quiser, vá em frente. Se você acha que vai chover, vai"

"Existe um milhão de versões do Sr. Certinho. Os bons moços vêm e vão, mas Bogart, os Cagney, os Gable, os Wayne, todos os bad boys realmente sabiam tratar as mulheres. Acho que as mulheres sonham com um sujeito que não as deixe se safar quando perdem a linha."

"Você precisa conhecer alguém realmente, ser amigo de verdade. Minha mulher é a minha melhor amiga. É claro que eu me sinto atraído por ela, mas não se trata disso. Já me senti atraído por outras pessoas, mas depois de um tempo não conseguia mais suportá-las".

"Meu pai sempre me disse que não se consegue nada em troca de nada, e, embora eu fosse um rebelde, nunca me rebeleí contra isso"

"Se tivesse tido boa disciplina, poderia ter entrado no ramo da música."

MISTÉRIOS DA NATUREZA

Fósseis de dinossauros podem ter bem menos milhões de anos do que se acreditava. Essa é a polêmica que está se espalhando pelos corredores de conceituados institutos de pesquisas, pois alguns estudiosos tem comprovado a existência de tecidos moles, inclusive com cheiro ruim, no interior de alguns desses ossos, o que questionaria a



datação pelo Carbono 14, que se limita a 60 mil anos (o resto é sacação) e que até então era a maneira considerada mais inequívoca de se estimar a idade de um fóssil.

O problema é que, ao admitir-se a possibilidade dessa falha, os Evolucionistas darão munição para os Criacionistas, que acreditam que tais criaturas podem ter sido eliminadas no dilúvio de Noé, ou pouco antes.

Milhares de anos se passaram e ainda não se descobriu como os construtores das pirâmides faziam para arrastar os milhares de blocos pesando toneladas, das pedreiras até o local das construções e, pior ainda, como faziam para empilhá-los sem o uso de "guindastes". Não parece ser convincente essa história de que eram construídas rampas gigantescas, por onde os trabalhadores arrastavam as pedras até o topo. Baseados em que inventaram essa versão? O interior das pirâmides é repleto de desenhos, e não existe um único rabisco que demonstre como esse trabalho era feito. Muito estranho: parece ter havido alguma ajuda "externa" e eles não quiseram contar.



São tantos os relatos de avistamento de "disco voadores", mesmo considerando o enorme número de fraudes, que não dá para esconder que existe algo de estranho com relação a estes objetos voadores não identificados, que agora mudaram de nome, mas vamos ignorar, pois achamos OVNI mais bonitinho. Alguns palpiteiros afirmam tratar-se de modernas experiências secretas de países como China, Rússia ou EUA, que ficam voando por aí bisbilhotando uns aos outros e deixando a população se borrando de medo, mas o certo é que essas coisas já vinham aparecendo desde os anos 40, ou antes, quando os homens mal conseguiam construir aviões. Ou seja, a coisa é sinistra.





Até hoje não se sabe muito bem o que existe no fundo dos oceanos. Acreditava-se que em determinado ponto era impossível a existência de vida animal, devido à

pressão, entre outros fatores, mas recentemente descobriram que espécies como a "Lula Vampira", o "Tubarão Duende", o "Peixe-sapo-estriado", o "caranguejo-yeti", entre outros, vivem lá numa boa. Fala-se ainda que podem haver passagens para outras dimensões, que pode estar escondida a Atlântida, que podem existir cavernas onde se ocultam discos-voadores, entre outras possibilidades, mas isso mais parece conversa de fumadores de erva.



A Solução Final

Sammis Reachers

Recebi a carta às 12h23.

Almocei um ótimo pad thai, encomendado do restaurante tailandês da esquina. Caro, mas que diferença isso faz?

O programa começou há dois anos, na Holanda. Nos noticiários e meios de informação, foi fragoroso o debate. A aceitação venceu: que havia mais a fazer?

Escrevi vinte e sete mensagens, para filhos, aproximações de amigos, uma mulher a quem cortejava, mais por distração – para ambos.

Claro, era previsível a situação que agora aflorou junto a este encanecido chão do sol nascente. Já desde finais do pregresso, caído século se percebia com algum agravo a diminuição do crescimento vegetativo em muitos países. Alguns procuraram incentivar, até financeiramente, a que seus cidadãos procriassem. Outros tantos viram na imigração a solução paliativa para seu problema estatístico-existencial.

Por tudo se pagou um preço, e o tempo, as décadas seguintes, provaram que o paliativo era isso: alongamento tecido em pó.

No caso deste país insular, a imigração nunca foi solução que valesse de muito. Tínhamos descendentes da diáspora de nosso povo que vinham em busca de trabalho – mas muitos voltavam para seus países de origem. Brasileiros, norte americanos, filipinos.

A questão foi defendida em livro bombástico, coletivo, por um grupo envolvendo alguns dos maiores filósofos de nosso tempo. Aventadas razões se espraíavam sobre as sociedades em debate, procurando equalizar os descontentes.

Vou até a antiga loja de charutos. É a única de Osaka, e uma das oito ou nove ainda presentes no país, a esta altura. Compro um charuto que sempre cobicei, se é que um fumante esporádico pode ser um cobicador. Embrulho o artefato, assino o termo de segurança, em que afirmo que não irei consumir o "produto" em locais públicos – crime grave.

Em casa, sorvo o amargor da peça. Ligo o monitor, releio a carta do governo. Há algo de histórico nisso, ao menos – sou um dos 30 primeiros cidadãos do país a receber "A Carta".

É estranho que um governo convide seus cidadãos para morrer. Em tempos de guerra, era comum. Nosso Império... Mas, nesses tempos de paz, de ruína

econômica, nesses tempos em que a população economicamente ativa é tão menor que o número de aposentados, foi a saída que a civilização, já em meados do vigésimo primeiro século, encontrou para ajustar as coisas.

O convite, muito formal, principiava agradecendo os serviços prestados à pátria e à sociedade. Avançava, sem estender-se em demasia, dando conta das dificuldades, por todos conhecidas, que o maquinário previdenciário atravessava. Tergiversava sobre sacrifício e honra, esses gêmeos siameses. Terminava com uma despedida.

Acabei o charuto, de sabor bem pior do que eu há tanto imaginava. Uma metáfora disso tudo. Fui até o novo edifício governamental, erigido especialmente para isso: eutanásia coletiva de idosos e inválidos para a economia.

Nossa cultura é conhecida e construída sobre pilares de honra. Se toda uma sociedade milenar acredita que você deve morrer – até mesmo alguns de seus parentes, pessoas a quem você alimentou – que saída honrosa pode haver senão sujeitar-se em prol do bem comum?

Enquanto me deito na cadeira e aguardo o robô que aplicará a injeção letal, ouço da senhora ao lado, que sorria sem parar enquanto falava, que estávamos salvando nosso país, estávamos salvando a economia do Japão. Era bom que os mais velhos deixassem a

vida e o peso estatal representado por suas aposentadorias. Era um sacrifício de "honra".

Pensar que parte da imprensa, o que restara de humana nela, apelidara tal recurso de Endlösung der Judenfrage, "A Solução Final", como aplicada por Hitler contra os judeus.

Fechei os olhos, enquanto ela continuava a sorrir e cacarejar. Segundos depois, ainda sem abrir os olhos, pude ouvir os rolamentos do robô deslizando pelo piso impecável. Como um samurai que meu povo desejava que eu fosse, não esbocei reação alguma quando senti a gélida penetração da agulha.

O conto acima procura fazer uma antecipação provável e sombria de futuro iminente, onde o neoliberalismo e sua sanha vampiresca, associado à ruína do welfare state, o Estado do bem-estar social, ruína essa ocasionada por décadas de desmandos e ingerências, levará à "solução final" do problema previdenciário global: Estados convidarão seus idosos à morte, ou pior, tomarão à força suas vidas "economicamente" onerosas aos cofres estatais. Esse conto foi ideado há dois anos, e estava no "baú". Mas há pouco soube que aquilo que ele "antecipa" já está acontecendo:

<https://observador.pt/2020/02/07/holanda-vai-aprovar-comprimido-letal-para-maiores-de-70-cansados-de-viver/>

A MULHER INVISÍVEL

Nara Luísa Maria A. de O. Salomão



Ela havia se convertido ao cristianismo aos quinze anos, e desde então seguia com devoção ao Senhor. Ficou mais seletiva com as pessoas, pois nem todos atingiam o seu novo padrão, e as amizades mais íntimas ficaram raras. Mas ela era feliz assim.

O pai, um homem sedutor, já estava ausente de sua vida há muitos anos. A mãe, extremamente severa, sofria com as suas próprias limitações, mas queria impor seu estilo de vida que, diga-se de passagem, era a causa da sua infelicidade - só ela não sabia disso - e assim são as pessoas: paralisam em determinado ponto de um trauma e seguem a vida feridas, ditando normas e regras que elas constroem a partir de uma visão distorcida e limitada da realidade, que vão afetar negativamente a vida de outras pessoas, normalmente a vida dos filhos, além delas mesmas. Esse era o buraco onde se encontrava a juvenzinha, com o espírito renovado pela fé, mas as emoções estavam em frangalhos por questões não resolvidas. Uma das piores seria o envolvimento sentimental do seu pai com a melhor amiga da sua mãe, o que a jovem manteria em segredo por vários anos, pois, para ela, a sua mãe, uma mulher dependente financeiramente e com poucos recursos mentais, não daria conta de resolver uma even-

tual separação; então a manteve iludida por um tempo fazendo-a pensar que era feliz – o que ela classificava de "a felicidade do ignorante".

Mais tarde, a própria mãe descobriu, e o caos se instalou definitivamente na família. Tiveram que manter um casamento às turras e sem amor. Essa foi a época da conversão da jovem.

Ela levava uma vida pacata, modesta, de classe média baixa. Possuía uma beleza comum, e o máximo que sua compleição física lhe proporcionou foram cantadas baratas de homens ávidos por uma carne jovem. E assim, ia levando a vida.

Destacou-se nos estudos. O intelectual estava em alta: só anestesiou o sentir, para evitar o sofrimento que o seu entorno lhe causava e que já estava registrado no somático. Ela era tímida, tinha vergonha de falar em público, a ponto de chegar à ansiedade e fuga, além de assumir um complexo com relação à sua aparência, pois se achava feia. Quanto aos olhares dos rapazes,

pensava que só queriam tirar proveito dela - essa era a forma que encontrou de evitar contato. Não tinha olhos para ninguém, só para o seu Senhor.

Era sensível e levantou uma capa de proteção. Sentia-se feliz no seu pequeno mundinho. Não exigia muito. Tinha o horário da escola, dos estudos em casa, os devocionais e a igreja. Sentia-se protegida, mas a capa, a princípio útil, a impediu de viver experiências necessárias para o seu crescimento e, então, viu-se na contingência de se tornar uma adulta/infantil. Não se expunha e as pessoas ecoavam sua forma de viver, sem muito envolvimento emocional.

Na igreja, conheceu um rapaz da mesma fé, que se encantou por sua meiguice e fidelidade a Deus. Esse rapaz foi até a sua casa pedir ao pai da moça licença para namorá-la, num tempo em que moças e rapazes estavam vivendo a liberação sexual. Porém, o rapaz tinha uma "ficante", e continuou com os dois relacionamen-

tos, até que um dia passou por uma experiência muito ruim. A moça com quem se relacionava sexualmente teve um surto dentro do motel, e quase o matou. Alguns diriam "bem feito, quem mandou trair a fé e a sua namorada"?

A partir desse episódio, ele decidiu abandonar a vida dupla, confessando a ela o seu erro, dizendo que a amava, que ela era a mulher da vida dele e lhe pediu perdão. Para a jovem, a afetividade era algo que só se manifestava sob o prisma do amor divino, e como ela havia sido ensinada a perdoar e a amar, aceitou passivamente o pedido, fazendo o melhor que podia dentro das suas condições emocionais de congelamento.

Passado um ano, o rapaz a pediu em casamento. Casaram-se em uma linda cerimônia, viajaram em lua de mel e retornaram para a nova vida. Ela se norteava pelos princípios religiosos, era muito atenciosa e cuidadosa, dedicava sua vida a ele, era como uma sombra ao seu lado. Quase ninguém a via, mas o notavam sempre muito bem vestido, barba feita, destaque na oratória,

muito requisitado para falar em público, sempre em evidência e bem resolvido em sua vida.

Certo dia, ele foi requisitado para uma palestra. Subiu ao palco e começou a conversar com o público. Em certo momento, como quebra-gelo, imagino, disse ao público que ele havia se preparado para a ocasião, vestido uma roupa bacana, e passado um bom perfume francês. Disse que o perfume, infelizmente, eles não poderiam sentir, e aí jogou a pergunta: "como vocês acham que estou vestido? Estou bonito?"

A juvenzinha, que a essa altura já era uma senhora que imaginei com os seus sessenta e nove anos, teve um lampejo de "insight", viu toda a sua vida em um segundo e, então, compreendeu o seu vazio, a sua falta de trocas emocionais significativas e profundas com quem importava, e percebeu que, no meio dessa confusão de sentimentos, saiu de casa sem validar o homem da sua vida, e que, naquele momento, pedia validação quem sabe de outras mulheres, e pior de tudo, na sua frente,

como se ela não estivesse ali, pois esse homem, apesar da afeição que nutria por ela, havia se acostumado com a sua invisibilidade. Sem nenhuma vergonha de ser feliz, aquela mulher tímida e recatada defendeu o que era seu, e do meio do público ergueu a voz e disse, delimitando o seu território: **"Tá lindo, meu amor. Gosto demais!"** Nesse momento todos a viram, inclusive eu, e riram encantados com a sua presença e o seu tom espirituoso. Essa mulher, da qual me aproximei naquele mesmo dia, após o evento, quando tive a oportunidade de conhecer toda a sua história, marcou a minha vida. Foi assim que entendi que nunca é tarde para acordar.



Nara Luísa Maria A. de O. Salomão é graduanda em Psicologia, Advogada, especialista em Ciências Penais e escritora naramariabhaz@yahoo.com.br

MAMÃE, MAMÃE!

Rosemare Rocha

- "Mamãe! Mamãe!"

- O que foi Paixão? Você me chama toda hora!

E lascou uma lista de afazeres:

- Você não tem o que fazer? Você já varreu o terreiro?...

- Queimou o lixo? Colocou nos pés das plantas?...
Cortou o matinho, que não deixa a planta crescer?...
Interrompi-a.

- "Sim. Uma coisa de cada vez." – disse, curiosa por saber mais alguma coisa, ouvir uma explicação e empurrar o serviço alguns minutos à frente. Talvez, mesmo inconscientemente percebendo que saber o porquê das coisas já seria mais importante ou pelo menos mais divertido do que repetir todas aquelas tarefas como verdadeiros mantras.

"Mas mamãe" – continuei – "Por que nascemos?"

- Porque Deus quis assim.

"Assim como?" – asseverei, ainda não satisfeita com

a resposta sincera e direta.

-Deus quis que você nascesse – repetiu com tranquilidade e convicção.

"Mas para fazer o quê?" – insisti.

– Isso você vai saber quando você crescer! – mais uma vez, insistiu ela.

"Crescer pra ser o quê?"

– Você vai estudar... isso é, se você conseguir... e você vai ter uma profissão...

Talvez, já querendo se desvencilhar das minhas perguntas insistentes, respirou e disse:

– Talvez você fique em casa mesmo. Me fazendo companhia... fazendo o serviço da casa...

Uma pausa... que pode ter durado segundos ou minutos, não me lembro, enquanto ela se movimentava, fazendo o que não me lembro, enquanto eu pensava, provavelmente, na morte da bezerra...

-"Mamãe....!!"

– O que foi Paixão??

- "Uma vez sonhei que estava em um lugar lindo... E sabia tudo o que iria fazer... aí eu nasci e esqueci de

tudo!"

— É Paixão, é isso mesmo. Deve ser assim mesmo!...

— É a vida...

— Só tem que viver e fazer o que tem que ser feito...

- "Então, se a senhora falou... eu acredito."

Hoje, pensando sobre esses diálogos, essas conversas ocorridas há tanto tempo, inexplicavelmente marcadas em minha memória, em algum canto ou gaveta, milagrosamente guardadas em meu cérebro, em minha mente, reflito em tantas coisas. Sabe, que ela tinha razão? A vida é assim! Simples e sem complicações.

Há pouco, vi uma borboleta amarela voando em frente à minha janela. Ela passou, voou de um lado para o outro, desceu, subiu novamente, subiu mais ainda e foi embora numa velocidade alucinante. Reconheci-a vista um pouco antes da chuvarada. Ela sobreviveu, era a mesma. Dizem que a sua vida é muito curta. Muito breve. Meu filho sempre me lembra isso. Dia desses, não matou uma baratinha a

caçar alguma coisa aqui em casa. Disse-me: "A vida dela é tão curta!... Há seres humanos que transmitem doenças mais perigosas". "Em alguns dias, ela não estará mais aqui, como nós um dia não estaremos". E, por fim, completou: "Ela parece feliz".

A borboleta amarela também parecia muito feliz.

Minha mãe, na verdade, minha madrasta, nunca foi a uma escola, nunca trabalhou fora. Casou-se com o primeiro namorado, meu pai, teve uma penca de filhos. Alguns de seus filhos são ricos. Todos os seus mais de uma centena de descendentes têm a vida que ela nunca soube que seria possível. Quando ela disse o que devíamos fazer, o que tinha de ser feito, na boca de outras pessoas não passaria de simples retórica. Ela me criou e mais dois de meus irmãos, frutos de um adultério. Meu pai casou-se com uma mulher muito mais jovem e exuberante enquanto casado com ela. Ela e minha mãe se reuniram. Minha mãe, desesperada, deserdada pelo pai rico, sem condição nenhuma de nos criar, nos entregou a ela. Ela fez o que "tinha de ser feito".

Todos sobrevivemos.

A minha mãe teve outros filhos e constituiu outra família. Minha madrasta e meu pai nunca se separaram. Permaneceram juntos. Ela faleceu primeiro, e ele alguns anos depois. Mas verdadeiramente se amaram de um modo que as pessoas hoje não se amam mais. Eu sobrevivi. Aos cinco anos, não falava e não andava. Tenho hoje um casal de filhos que todos dizem ser muito bonito, e agora dois netos que me causam cansaço e alegrias.

As pessoas hoje são infelizes, tendo tudo. Ingratas, ignorando os que morreram para que estivéssemos sem tantas dificuldades. Jovens não sabem quem são e perdem a vida de modo que nenhum animal a perderia. Este "causo" não é um causo. É a lembrança de um diálogo entre uma criança e uma mulher sem teologia, ciência, psicologia, tinha aprendido e muito bem verdades que hoje são totalmente ignoradas por pessoas jactantes, orgulhosas, pedantes e patéticas.

Obrigado, mamãe! Que isto lhe seja imputado por justiça.

Rosemare Gomes é escritora,
pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com





INTERNÚCLEO
CONSERVADORA E ADMINISTRADORA
(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

O velho e a praia

Jorge F. Isah



ParTe XIV

– Ah, que coisa! Parecemos dois inimigos... Estamos sempre em pé de guerra por qualquer coisa... Já não sei mais o que fazer... É algo que está perdido para sempre...

Ele a ouviu, e manteve-se calado. Não era a primeira vez que ela aludia à questão. Desde que a filha mais velha disse:

– Mãe, não sei como vocês suportam viver assim, brigando o tempo todo... Não quero que o meu casamento termine assim... Eu não suportaria...

Lurdinha guardou aquilo, bem lá no seu íntimo, e se servia dele toda vez que encarava alguma ameaça. Na verdade, não era ameaça, pois a ameaça sempre era a contrariedade. Não estava disposta a sofrer qualquer tipo de incômodo capaz de perturbar seus desejos e vontade. Na maior parte do tempo, não havia batalhas; eram tão somente ponderações, divergências quanto um assunto e outro. No ver dela, contudo, aquilo era discussão. O começo da guerra.

– Não entendo você, sinceramente. Não se pode falar nada! Emitir uma opinião, que você já acha que é briga! – Antenor questionou.

– Lá vem você de novo! Brigando mais uma vez...

– Estou apenas argumentando, mulher!... Não pode?

Ela não entendia. E concluiu que, para um casal viver em harmonia, era preciso não haver qualquer atrito, qualquer indagação, qualquer ponderação; alertar e apontar eventuais erros, não era admissível. Em que mundo vivia? Não somente ela, mas a filha também? Era preciso criar uma redoma, uma bolha, onde as dúvidas, palpites, alternativas e dissuasões fossem eliminadas. Restaria a força e a submissão, um servilismo doce e resignado, e o domínio inflexível. Desde que ela fosse a autoridade, a relação não sofreria percalços e flutuações.

– Pelo que me consta, o nosso casamento está às portas de completar 50 anos, e o da Mari não chegou aos 10 e já está ruindo... Você quer mesmo seguir os conselhos da sua filha ou fiar-se na pró-

pria experiência para dizer o que vale ou não na nossa relação?

Lurdinha não quis escutar. Deu-lhe as costas e saiu cantarolando. Justo ela que não gostava de música, pensou, pela enésima vez. E assim, ambos esperariam novo desarranjo para retomar a conversa, sem nunca a terminar. Era um círculo que não se fechava. Ia até certo ponto e retrocedia ao início. Tudo porque, segundo ela, os seus olhos finalmente foram abertos, e entendeu a urgência em mudar algo a durar décadas, mas que ela não estava disposta a reconhecer quanto a sua parcela de responsabilidade. Era sempre muito fácil dizer: "a gente isso", "a gente aquilo", "a gente tem de mudar", "pelo menos não vamos brigar na frente dos filhos", mas a coisa da gente tinha como destinatário Antenor, pois, ao ver dela, ele era o culpado de as coisas chegarem aonde chegaram, e de ser o que eram. Não havia nada que ela pudesse fazer a não ser acusá-lo do crime.

— Já ouviu aquele ditado: "quando um não quer, dois não brigam?... É fácil dizer "nós", apontar pa-

ra mim, e sair-se como vítima da situação. Sei que erramos e exageramos muitas vezes, mas isso é parte da experiência de vida; as pessoas são assim, o mundo é assim. Não dá para tapar o sol com a peneira sem ficar cego.

– Ah?! Que raios está dizendo?

– Que as coisas são o que são, simplesmente. Temos nossas rugas e melindres, mas em 50 anos conseguimos passar por cima delas, construir uma vida, e depois de tanto tempo juntos você me vem com essa história de que não somos felizes, vivemos às turras, e somos praticamente inimigos?

– E não somos?!

Olhou-o incisiva, olhos enérgicos e provocativos.

– Se você acha...

– É o que todo mundo diz. Seus filhos dizem. E você simplesmente não quer aceitar.

Antenor esfregou o pescoço, desanimado.

– Quando eles tiverem 50 anos de casados, poderão dar seus palpites com alguma propriedade. Por hora, deviam nos ouvir e não fi-

car cagando regras baseadas em seus delírios, naquilo que sonham acordado, ao invés de olharem para si mesmos e ver que as suas vidas não suportariam cinco segundos de confronto com suas teorias.

– Ah?! Lá vem você com o enrolez...

Suspirou, e respondeu:

– Quis dizer que, ao invés de acusarem os outros de não estarem aptos aos seus padrões de vida saudável e pacífica – fez o sinal de "aspas" com os polegares no ar – deveriam fazer o mesmo com os seus relacionamentos... Ou seja, os argumentos deles não se sustentam diante da própria vida que levam; a prática destrói suas teorias, em resumo.

A expressão no rosto de Lurdinha mudou, e saiu do pungente ao confuso.

– Mas eles estão tentando melhorar...

– Enquanto eles tentam e não saem do lugar, porque existem coisas que apenas o tempo resolve, nós prosseguimos, a despeito dos obstáculos e crises, porque o que não tem solução, solucionado está!... O mais importante é manter-

mo-nos juntos, e isso é prova de renúncia, de amor, e não de esquemas bonitinhos, mas que exaltam apenas ego e soberba. É mais fácil dizer: "Eu sou assim, e pronto! Quem tem de mudar é você! Do contrário...", do que aceitar a própria falibilidade e reconhecer que, se não se é perfeito, não se pode condenar rigorosamente os defeitos alheios; se não sou melhor do que você, também não sou pior, a ponto de ser excluído da relação de causa e origem de todos os reveses e desgostos. Em outras palavras, numa relação e compromisso não existe um único culpado... — esfregou o rosto, ergueu frenético os ombros, e prosseguiu — O que a atual geração faz é colocar-se em um pedestal e, do alto, apontar o dedo para baixo, e eximir-se de qualquer responsabilidade. É sempre culpa do outro, e se existe algum erro, são as circunstâncias externas a causa do estado interno. Nunca a culpa é pessoal, no sentido intrínseco, mas de agentes e estímulos alheios à vontade do indivíduo, cuja vontade se manifesta na consumação do pecado que, contudo, nunca pode ser dele, nunca pode ser

apontado na sua direção, mas sempre em alegadas abstrações de outrem ou outros, a fim de aplacar a consciência e cauterizar a mácula do culpado...

— Ah, vamos deixar pra lá! Você não quer entender, mesmo...

— Como não quero entender, se estou explicando?!

Deu-lhe as costas. Balançou a mão direita no alto do ombro, e repetiu:

— Você não quer entender... Deixa pra lá!... Só faz um favor: não briga na frente das crianças!

Foi-se para o quintal.

Antenor pensou em dizer algo, mas não adiantava. A conversa prosseguiria em outro momento, não daquele ponto, mas do começo, do questionar as brigas e dos filhos não serem capazes de suportar aquele clima e ambiente. Ele teria de se policiar, enquanto filhos, noras, genros e netos se gastariam em discorrer o quanto ele era "sem noção", "exagerado", "politicamente incorreto" e "pegava pesado". Eram de gerações diferentes. Viam o mundo diferente. Se viam diferentes. Mas

na sua suposta intransigência, cantada em verso e prosa, a ser censurada de um jeito ou de outro, a ser desaprovada de um jeito ou de outro, pelos novos bedéis, ele se via na necessidade de se autodisciplinar, para que nenhuma suscetibilidade severa fosse melindrada.

– Você vai acabar sozinho, seu velho cabeça-dura!

– Ela disse a metros de distância, sem a certeza de Antenor ter ouvido, mas certo de que, ouvindo ou não, naquele momento, era o futuro que o esperava.

Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de “A Bula do Placebo”, entre outros livros, todos disponíveis na “amazon.com”.
jorgefisah@gmail.com



A ESPECULAÇÃO ESCATOLOGICA E AS INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS

Sammis Reachers

Escatologia é um terreno pantanoso, que pode fazer submergir soldados promissores em seu areal movediço. Ela, reles remador, é como a nau em que navega, a Teologia, que transforma predestinados soldados de campo (afinal, não há oficiais no Exército do Rei) em generais de dez estrelas que ficam atrás da mesa lendo as mil voltas do parafuso. Sim, temos professores e mestres, há chamado para todos; mas considero [eu, Sammis] algo desprezíveis [não de per si, mas pelo resultado em algumas almas] quaisquer temas que, atraindo seus vaga-lumes com sua luz refletida, derivada, afastem alguém de dedicar-se à proclamação, luz verdadeira, fonte e missão unidirecional de todo cristão. No entanto, vamos lá, vamos de escatologia.

Muda-se o cenário, renovam-se as análises. O cenário atual permite uma gama de especulações e, dentre elas, a principal ou Linear (I)A: as IAs (Inteligências Artificiais) criarão desemprego estrutural (é aquele em que uma máquina/tecnologia substitui trabalho humano) em massa, beneficiando uma hiper elite – pois muitas "elites" serão também colapsadas – e aqui está mesmo a maior novidade do cenário. No caos reinante, uma super IA surgirá, consertando as coisas. Suas propostas, ações e resultados serão nada menos que milagrosas, divinas. Seu criador, benemérito, será ninguém menos que ele, o homem de 2 Tessalonicenses 2:3-4.

Agora, deixe eu encontrar algo de útil para fazer. Bora juntos?

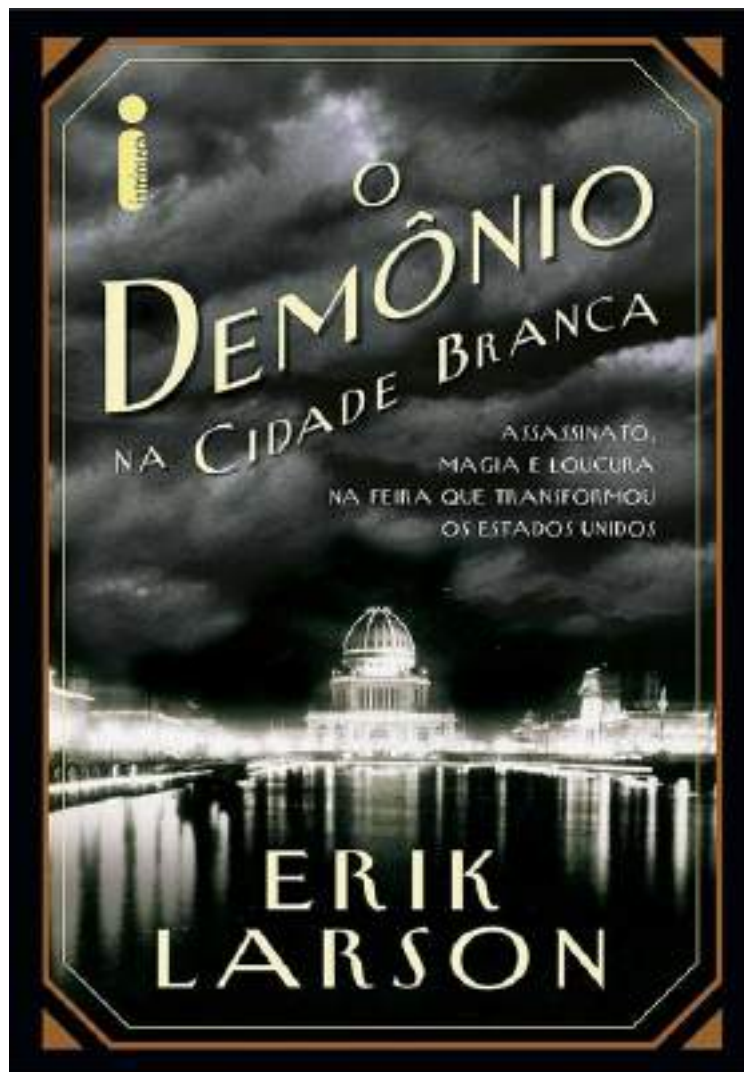
Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com





KÁLAMOS

www.kalamoseditora.com.br



Jorge F. Isah

Foi o primeiro livro de Erik Larson que li. A impressão, no geral, foi boa, pois ele descreve em detalhes os eventos históricos da "Grande Feira Mundial de Chicago", em 1893, concomitantemente com os ataques do primeiro serial killer americano, H. H. Homes, na mesma Chicago e na mesma época.

Primeiramente, ressaltar a profusão de citações, a extensa bibliografia apontada, e fotografias que me pareceram oriundas de um trabalho historiográfico dispendioso, acurado e rigoroso.

Em segundo lugar, a narrativa se assemelha muito com os romances históricos, em voga nas últimas décadas. A diferença é que a obra se mostra claramente histórica, mas escrita em uma linguagem cativante, simples, íntima, onde as várias fases da feira (e da vida de seus realizadores), de Holmes e suas vítimas, se intercalam, favorecendo a leitura, tornando-a leve, didática, estimulante e mantendo um certo clima de suspense "noir". Podemos encontrar as lutas, desejos, frustrações, rivalidades, cooperações, traições e tudo o mais que se pode ler em qualquer drama. Com isto, não estou dizendo que Larson desejou escrever um romance, não o é, ainda que se assemelhe em muitos pontos. Entretanto, ele se utilizou da linguagem "romancesca" para trazer leveza e criar empatia com o leitor. Ponto para ele.

Ao traçar um paralelo entre a Feira, Holmes e seus crimes, faz com que coisas diametralmente díspares, como a criação de um evento suntuoso e monumental, de caráter e apelo global, corram em paralelo à destruição provocada pelo "gênio" diabólico de Holmes. Alguém pode dizer que, em algum aspecto, o serial killer também era um criador, ao planejar e pôr em prática seus projetos bárbaros e atrozes. Bem, não entendo assim, e reputo Holmes como um homem com algumas habilidades e magnetismo pessoal, mas apenas os usando para a destruição, inclusive pessoal; e se para destruir é necessário "criar" algo, essa criação não passa de meios para a destruição, e não pode ser incluída no rol daqueles que constroem a beleza do nada, como é o caso dos grandes arquitetos David Burnham e F. L. Olmsted, entre outros, os gênios por trás da Feira de Chicago.

Se imaginarmos que a Feira abriu espaço para as maiores inovações tecnológicas, muitas das quais se tornariam imprescindíveis na sociedade moderna, como a eletricidade, tubos de vácuo

elétricos iluminados por correntes sem fio, o telautógrafo (uma espécie de fac-símile primitivo), esteiras rolantes, o rádio e transmissões por ondas elétricas, equipamentos sonoros elétricos, a roda-gigante (criada para rivalizar com a Torre Eiffel, a principal atração da Feira de Paris, em 1889); e cientistas ilustres como Tesla, Edison, Bell, Gray; mais de 2 km quadrados de área iluminada, com réplica monumental de pirâmides, transatlânticos, colunas greco-romanas, tudo abarcado com o que de mais inovador e futurista a tecnologia podia reunir e proporcionar à época, temos um evento monumental e fascinante.

Os visitantes das mais de 200 instalações se deslumbraram com a gigantesca, inusitada e profética demonstração do que viria a acontecer nas próximas décadas, em termos científicos, e a beleza incomum que os idealizadores da Feira ergueram e revelaram ao mundo. Chicago foi, durante a Feira Mundial, a antevisão do futuro naquele presente.

Portanto, não dá para dizer o mesmo de Holmes, um psicopata, frio, dissimulado e covarde (inspirador de outros tantos malignos homens). Holmes era a antítese de Burnham e seus colegas, e, certamente por isso, Larson colocou-os lado a lado na narrativa; uma amostra ou lembrança, ou melhor, um alerta de que se existe criatividade construtiva, existe o labor para o mal e a deficiência. Neste sentido, Holmes foi um "criador" incompleto, negativo, cruel, fraco. Sem forças e talento para produzir o bem, contentou-se em destruir; e, durante o seu julgamento, tentou se passar por vítima, utilizando-se do delírio intelectual (presente em muitos acadêmicos e cientistas modernos), a fim de suprimir a realidade, distorcendo-a, na vã tentativa de enganar, se possível, alguns quanto à sua verdadeira imagem: um homem maldito, cruel e insensível!

Larson poderia ter reduzido em algumas dezenas de páginas a sua história, talvez não se entregando tanto a detalhes técnicos mais, digamos, enfado-

donhos. Entendo, contudo, que lhe pareceu necessário, a fim de poder aquilatar, um século depois, a grandiosidade e dispêndio criativo, econômico e de esforço, na construção da Feira das Feiras, a "World's Columbian Exposition", revelando a genialidade e o empreendedorismo humano.

Quanto a Holmes, aproveitando-se da ingenuidade e boa-fé das pessoas, utilizando-se do seu carisma para torturar e assassinar gente comum, colocou-o no rol dos maiores infames da humanidade e da história. De forma que, em meio ao brilho inventivo da arquitetura, física, engenharia e tantos obstáculos ultrapassados pela engenhosidade humana, temos a figura nefasta e torpe do primeiro serial killer e sua odiosa, e não menos feia e aterradora, "criação", fazendo jus ao título do livro.

Avaliação: (***)

Título: O Demônio na Cidade Branca

Autor: Erik Larson

Editora: Intrínseca

Páginas: 448



coluna do

ClodoKill

Fernandes

Do Lalau ao Totó

Tento não falar das pessoas, mas sempre me dão motivos para não me calar. Tento não ser repetitivo, mas, cargas d'água, vejo tanta gente fazendo a mesma coisa, numa espécie de clonagem comportamental, que se torna impossível não citar esse ou aquele, ou isto e aquilo em quase todos os momentos do dia. E olha que a maior parte do tempo fico em casa, na segurança do lar, apesar de ter sido assaltado duas vezes, terem colocado um revólver na minha cabeça, e ameaçado de morte caso chamasse a polícia. Ora, eu disse para o meliante, que não devia ter mais do que dezessete anos incompletos: chamar para quê? Ele balançou

a cabeça, me deu tampinhas no ombro, e falou todo cheio de si: "Isso mesmo, garoto, isso mesmo!". Não sei se estava zoando ou se não tinha ideia de quem sou. Membro da terceira idade, estupidamente corrigem "a melhor idade", como se ter dores por todo o corpo, uma coleção de remédios variados na estante ao invés de livros, e gastar horrores com consultas, exames e receitas além do próprio plano de saúde é ter a melhor idade. Preferia estar como ele, jovem, vigoroso, sem preocupação alguma e assaltar quem bem quisesse, sem me preocupar em ser pego e, caso o fosse, ter a certeza inabalável de sair sem sequer uma advertência... Mas isso é outra história.

Achei mesmo que o delinquente estava de gracinha comigo: tomou o celular, novinho, comprado em 18 prestações; a carteira com poucos vinte reais, a foto da esposa e do cachorro, além da correntinha de São Jorge, que era muito bom para lidar com dragões e duendes, mas não se atrevia a mexer com o PCC ou malandros de plantão.

Antigamente, roubava-se à noite, às escondidas, para ninguém ver ou saber quem foi o autor do crime, ops!

Pode falar crime e criminoso sem ser acusado de propagar intolerância, fake-news ou difamação?... Bem, se sim ou não, está dito. Os bandidos... lá vou eu de novo... ocultavam-se nas sombras da noite, mas hoje dão as caras ao meio-dia, sol a pino, no meio da rua, com calça laranja e camiseta roxa, cabelos pintados de amarelo e tênis vermelho, sem o menor constrangimento. Não precisam nem correr. Saem a passos macios como se não fosse nada. Você grita: pega ladrão! Pega!... e se bobear, pega uma dor de garganta ou sopapo nas fuças, para aprender a ficar calado.

No meio daquela situação, em que fiquei sem o celular, o relógio (havia me esquecido de citá-lo), a carteira de couro e os trocados, além da correntinha do santo, a única coisa que realmente sentiria falta era da foto da mulher. Ela era dada a acreditar em tudo que lhe dissessem, seja quem fosse, até mesmo o mentiroso menos convicto e competente. Acreditou no Papai Noel até a noite do casamento, e quando ficou grávida, esperava a cegonha bater na janela, até o dia do parto, quando as dores quase a mataram

e ela pariu o primeiro casal de gêmeos... Sim, somos um caso inédito, acho. Tivemos três gestações e nas três foram gêmeos: um casal no primeiro, duas meninas no segundo, e dois rapazes no terceiro. Por fim, fiz vasectomia, porque já tinha um time de vôlei e não estava disposto a ter um de futebol, com reservas e tudo mais... Porém, quando se tratava de mim, ela nunca acreditava. Cansei de falar do Papai Noel e da Cegonha, que não existiam da maneira como ela imaginava, mas quanto mais falava, menos se convencía, ou melhor, se convencía de eu não passar de um mentiroso, golpista e fdp, coisas que aprendeu ao assistir aos embates na Câmara e Senado.

Então, imaginem a minha situação: chegar em casa a pé, sem celular, sem carteira, sem dinheiro, sem relógio e sem o santinho, que, aliás, foi presente dela, mais outra dor de cabeça, e dizer que levaram também a sua foto? E a do totó?

Ainda bem que, com a fuga dos filhos para as suas vidas, havia quartos à disposição ou, na pior das hipóteses, o totó jamais me rejeitaria... Assim, espero.



C* DE CACHORRO

Michel Salomão

Nunca fui de juntar dinheiro, mas nos últimos anos andei guardando alguma coisa, preocupado com o futuro que não haverá de ser tão distante para uma pessoa que já passou dos 60 anos, considerando que vários amigos e parentes bateram as botas bem an-

antes disso, e assim passei a privar-me de certos itens de conforto e até mesmo a negligenciar a manutenção da minha casa, do carro e de vários outros itens do mobiliário, dos eletrodomésticos e do vestuário, em incontáveis ocasiões em que assumi a triste mania de levar gato por lebre, fazendo a preferencial opção pelo menor preço, sem necessariamente atentar para a qualidade, só para ver se economizava alguma coisa.

Mas o problema é que eu tinha uma cachorrinha. Uma vira-latas safada que a minha esposa resgatou e o bicho acabou me escolhendo como pai, e só ficava na minha cola, com aquele seu olhar pidão capaz de derreter o coração de um autêntico ogro, e eu me via na situação ridícula de comprar presentinhos e outros mimos, em troca da festa que ela me fazia quando eu chegava em casa.

Como acontece com todos os animais, e também com os humanos, ela adoeceu algumas vezes e em todas as ocasiões gastei uma grana violenta com veterinários e remédios, mas, recentemente, começou a lamber insistentemente o próprio furico, e eu já estava inco-

modado com isso, mas demorei para perceber que estava ferindo a região.

Marquei uma consulta com o veterinário e o resultado foi uma conta de R\$1.300,00 (cerca de USD210,00 pela cotação de hoje), incluindo consulta, antibiótico, xampu, ômega 3, probióticos e pomada. Era muito dinheiro para se gastar com um simples c*. Aquilo mexeu comigo. Refleti acerca da transitoriedade da vida, lembrei-me do que disseram poetas e filósofos a respeito da fugacidade da existência humana, e concluí que mais vale a pena viver o hoje do que ficar me preocupando com as incertezas do amanhã.

A primeira coisa que fiz foi trocar o carro. Comprei um modelo muito superior ao que normalmente escolheria, com todos os itens de conforto a que tinha direito. Depois comprei um tênis que estava namorando há tempos, o mais caro da loja, que era tão macio quanto pisar em nuvens. Decidi, também, reformar o apartamento. Os armários estavam velhos, o piso estava feio, precisava trocar os papéis de parede, comprar novas plantas ornamentais e di-

versos itens de decoração. A minha mulher ficou assustada com a minha transformação, e foi quando aproveitei para comprar para ela um anel de brilhantes. Foi a primeira vez em décadas de casamento. Comprei novos notebooks, smartwatches e smartphones para os filhos, troquei o meu próprio telefone móvel pelo mais top do momento e agendei uma viagem para os EUA, reservando antecipadamente os ingressos para a Disney. "Afastem-se vacas, que a vida é curta", gritei, lembrando-me, uma vez mais, a minha frase preferida, tirada do personagem José Arcádio Segundo, de "Cem Anos de Solidão", que em um período delirante de sua vida, passou a não pensar no amanhã.

Não é que tenha me tornado um maluco inimputável, mas descobri que a vida se vive uma só vez, e que "o tempo passa, o tempo voa, mas nem a poupança Bamerindus* continua numa boa". Cheguei a esta fabulosa conclusão, graças ao c* de um cachorro.

* instituição financeira que utilizava um slogan acerca de sua longevidade e solidez, mas que acabou falindo.

Miss Universo

Luiz Libório Alves da Silva

Algumas pessoas são belas se você olha pra elas por, digamos, 10 minutos. O contorno do nariz passa a fazer sentido com a linha superior da boca, como ilhas se tornando harmônicas quando nomeadas de arquipélago. Substâncias barrocas. Amadas substâncias barrocas!

Outras pessoas, logo quando recém vistas, revelam-se belas, isto é, abrem-se. Luz, imagina-se, luz. Mas ocorre que, se você olha para elas por, digamos, 10 dias, a beleza se desfaz onde não haja amor, gotejando, pois, oh neve!, para ti o Senhor reservou o verão.

Estas pessoas, todas as pessoas, o que fazer? O alimento dos olhos é a admiração contínua, esta é a água que os lubrifica. O que fazer? Nós precisamos escolher todo ano uma nova mulher mais bela do mundo porque não duram: os olhos, a beleza, a mulher, o mundo.

Todas as pessoas, escutai: quando vocês maquiam uma face, a vossa mesmo ou outro disfarce, vocês maquiam um cadáver, morto sob o punhal da vaidade. Retirem este punhal!, porém, e na ferida estará escrita a verdade: haverá Quem contemplemos, sem tédio, por todos os anos da eternidade.

Carnaval

análise em tempo real

Helvécio S. Pereira

O Carnaval é arte? É popular? É o quê?

Não raro e bastante compreensível falar bem das artes, de artistas, quase uma propaganda. Aliás, a palavra "propaganda" é igual tanto no português como no inglês. A diferença é que "propaganda" em inglês é sempre vista de forma pejorativa, como um exagero, uma desonestidade, uma mentira. Visto dessa forma, responderei algumas questões importantes e controversas, referente à festa tida como legitimamente popular: O Carnaval no Brasil.

Há outros carnavais no mundo, se os entendemos como festas nacionais, locais, populares e com certa tradição. Sim, porque há "carnavais" em todo o mundo e em toda a história humana, com justificativas, motivos e objetivos bastante

diferentes, é verdade. Carnavais religiosos, profanos, políticos, de ativismo, etc.

Assim, o "carnaval" não é brasileiro, não "é do Brasil". Trata-se de mais uma das grandes mentiras repetidas à exaustão. O carnaval com "c" minúsculo é uma determinação ortográfica da outrora superpoderosa Igreja Católica Romana. Enquanto "Natal" é grafado com "N" maiúsculo, "carnaval" é obrigatoriamente grafado com "c" minúsculo (a despeito do esdrúxulo novo acordo ortográfico), por se tratar de uma festa "pagã" e "profana", o que no segundo caso é verdade, e cada vez mais ofensiva, chocante até mesmo para os olhos levianos de hoje.

Outro mito, outra "fake news", é alegar que o "carnaval" seja de alguma forma uma "festa popular", de origem popular, de manifestação igualmente popular. Não foi assim. Originalmente foi inventado pela nobreza junto com a burguesia italiana em Veneza, e por um período relativamente pequeno no Brasil não ganhou notoriedade, até que, no século passado,

empresários viram o filão que poderia render altas somas aos seus cofres, milhões, bilhões com o passar dos anos, e torná-los ainda mais ricos. Um disputado mercado, movimentando cifras astronômicas todos os anos, em uma vertente crescente, saído principalmente dos bolsos dos contribuintes e sem qualquer contrapartida.

Mas afinal, o que é o carnaval? O que são os grandes desfiles de escolas de samba"? O que é o "samba"? É realmente um ritmo africano ou não?

O carnaval é a grande "ópera" brasileira, com texto e coreografia intencionais, pré-imaginados e endereçados, objetivamente criado para passar uma mensagem de um grupo que não representa exatamente o pensamento social na maioria das vezes. É fruto de uma elite social e intelectual que se apossa do "lugar de fala", na presunção de representar o sentimento popular, sob a desculpa de que é apenas diversão.

E o que fazer, se agora entendemos a linguagem e os complexos processos de produção carnavalesca e o fato de ser apenas (e não mais) uma mídia, um

meio de transmissão de ideias, crenças, opiniões, informações factuais ou falsas?

O primeiro ponto é que tal vitrine e tal mídia serviriam a qualquer mensagem, incluindo a melhor de todas as pregações, genuína manifestação do verdadeiro evangelho. Aliás, essa polêmica mal engendrada e discutida de forma tosca ocupou espaço na internet mais uma vez, com farpas, acusações e defesas frágeis e atrofiadas. Ao lado das diversas "óperas" profanas de todos os carnavais municipais, há o Bumba-meu-boi no Norte, que só não é carnaval por não ter "samba", chamado em outros tempos de "semba". Religioso e emocionante, mas que também não gera conversão genuína, é o grande espetáculo encenado todos os anos na cidade de Nova Jerusalém, em Pernambuco.

Amamos espetáculos, luzes, sons e performances que vão desde as igrejas evangélicas com paredes negras para ajudar na cenografia (para escândalo de muitos), passando pelo sonolento "worship" e todo o cançãoeiro "gospel" que imita os vários

gêneros populares brasileiros: do axé ao baião, do samba ao pop-rock, do sertanejo ao, pasmem, funk.

Finalmente, o carnaval deixou de ter certa inocência e diversão sadia quando o ativismo, a ideologia política, o anti conservadorismo, tomaram conta do pedaço. E não vai deixar de ser o lixo em que se tornou, apesar de todo glamour tecnológico e "artístico". No corpo a corpo, se os "gospels" conseguirem causar algum ruído e se alguém converter, nascer de novo, valerá à pena qualquer micagem. Mas asseguro: não é o caminho garantido e recomendável. No frígir dos ovos, pode causar mais escândalo que conversões. E quem se der ao árduo trabalho de assistir, analisar, criticar e combater com argumentos inquestionáveis, semelhante a uma boa crítica de filme, de livro, de peça musical, por favor, o faça.

Senão, vão achar que estão por cima da carne-seca.

Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com





REPÓRTER RISO

Jorge F. Isah

Eu tento, juro, deixar esta coluna mais alegre, divertida e menos crítica, mas infelizmente está cada vez mais difícil. A começar pelo número de contas e taxas chegando neste período quando a escrevo. Até tentei mudar data e prazo para concebê-la, mas não houve um único dia no mês sem receber um boleto, uma cobrança (algumas nem eram minhas) ou o presságio de, no Congresso ou fora dele, os preços aumentarem, as taxas aumentarem, os impostos aumentarem, a inflação aumentar e o salário continuar na mesma, enquanto o poder aquisitivo afunda mais rápido do que o Titanic.

Não sei você, mas se ainda resiste a avançar sobre as caixas de doces, balas e jujubas do rapaz no farol, você é um privilegiado; ultimamente não espero o sinal fechar para estacionar ao lado e pedir uma balinha, por favor.

Vamos às notícias ou melhor, às tragédias que não cansam de pulular neste grande pântano que é o Brasil:

1 - Sabemos de inúmeras "brechas" nas leis, postas ali propositalmente para serem, no devido momento e interesse, usadas em favor de quem se interessa e pode usufruir da leniente e conveniente tramoia. Pois bem, as concessionárias de energia elétrica podem determinar que produtores e usuários de energia solar o façam somente no horário de, pasmem, 19 às 5 horas! E as novas regras já começaram. Não é piada, nobre cidadão, o sol foi feito para o dia, mas a captação da energia solar só pode ser feita à noite, talvez, com a ideia genial de a lua ser uma fonte mais... digamos, "apropriada". Com isso, fazendas de energia onde são gastos milhares e até milhões de dólares em

equipamentos, treinamento, distribuição, etc, amargarão prejuízos exorbitantes, e o tal do "meio-ambiente" saudável, sustentável, e outros tantos eufemismos diletantes, irá para as cucuias, além, claro, do valor da sua conta.

2 - Em recente evento, o Presidente discursou sobre o aumento no preço do ovo, e de querer saber quem é o culpado. Se não estivesse em ambiente altamente controlado, receberia com certeza uma "ovação". Sobre o aumento, certa comentarista de tevê usou como justificativa o fato de estarmos na quaresma e a culpa era, portanto, da adesão maciça dos fiéis. Ao contrário dela, em coluna anterior, disse que a fala desastrosa do Presidente em substituir itens mais caros por outros mais baratos simplesmente não daria certo, já que a procura pelo item mais barato, dentro do que se chama "demanda e oferta" elevaria os seus preços. Dito e feito. Para a competente e abalizada comentarista a alta é imputada a uma tradição religiosa que remonta ao século IV e não a uma legião de buro-

cratas cuja marca mais visível é a incompetência. E não sei se os católicos seriam capazes de exorcizar os "espíritos de porcos" de onze entre dez políticos.

3 - Agora, a mais absurda vem de um deputado federal que se considera liberal e oposicionista, que bate em todos mas resmunga quando está para apanhar, sobre o projeto de um novo imposto. "Alto lá!", ele diria, "Não é imposto, mas a opção do contribuinte 'liberalmente e de bom grado' destinar 5% a mais para o tesouro público". Ora, como se já não pagássemos muito, o energúmeno "sugere" nova forma de extorsão. Essa coisa de "espontâneo", "livre vontade" não passa de eufemismo para, em breve, acrescentarem a palavra "obrigatório", e o que era opção se torna imposição, e novo ônus cai, seja com 10 ou 9 dedos, no bolso do contribuinte.

É por essas e outras que a máxima "a cavalo dado não se olha os dentes" ferrou os troianos e fez a alegria dos gregos.

AO QUE VENCER...

Natan de Oliveira

Ao que vencer...

... darei o direito de comer do fruto da Árvore da Vida, que está no paraíso do Meu Pai Celeste.

Ao que vencer...

... de modo algum sofrerá a segunda morte.

Ao que vencer...

... darei de comer do maná escondido, até que fique saciado.

Ao que vencer...

... darei uma pedra branca com um novo nome nela inscrito, secreto, conhecido apenas por aquele que o recebe, para ser usado por nós dois quando estivermos conversando face a face.

Ao que vencer...

... darei autoridade sobre as nações

Ao que vencer...

... darei a mesma autoridade que recebi de Meu Pai.

Ao que vencer...

... darei a Estrela da Manhã.

Ao que vencer...

... andaré comigo, vestido de branco, pois é digno da Minha Graça e da Minha consideração e da Minha plena e afetuosa atenção.

Ao que vencer...

... jamais apagarei o seu nome do livro da vida. Jamais! Viverá comigo de eternidade em eternidade e onde Eu Estiver, estará comigo e diante da Minha Presença.

Ao que vencer...

... o reconhecerei diante do Meu Pai e dos seus anjos.

Ao que vencer...

... farei que seus inimigos se prostrem aos seus pés e reconheçam que Eu o amei, e o meu amor não acabará jamais.

Ao que vencer...

... farei dele uma coluna no santuário do Meu Pai, e dali ele jamais sairá.

Ao que vencer...

... escreverei nele o nome do Meu Pai Yahua Tzevaot e o nome da cidade do Meu Pai, a nova Jerusalém.

Ao que vencer...

... escreverei nele o Meu novo Nome.

Ao que vencer...

... darei o direito de sentar-se comigo em Meu trono, assim como Eu também venci e sentei-me com Meu Pai em Seu trono.

Ao que guardar os Meus Mandamentos e vencer...

Sim... Tudo isto darei...

Eu Sou aquele que sonda mentes e corações, e retribuirei a cada um de acordo com as suas obras.

Eu Sou o Caminho, a Verdade, e a Vida!

Eu Sou Aquele que é verdadeiramente Manso e Humilde de coração.

Eu Sou o Emanuel, o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores, o Deus convosco.

Eu Sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim da salvação dos vitoriosos.

Eu Sou o Autor e o Consumador da fé daqueles que eu amo.

Eu Sou Aquele que é Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, o Pai da Eternidade, o Príncipe da Paz.

Eu Sou o único que tem a Vida Eterna para dar aos verdadeiros adoradores que me adoram em pensamento e em verdade.

Eu Sou Aquele que alivia os fardos dos que estão cansados e sobrecarregados.

Eu Sou Aquele que dá vida abundante e descanso para as almas daqueles que vem até mim de coração quebrantado.

Sim, ao que vencer eu enxugarei dos seus olhos toda lágrima, e nunca mais terá fome, nem sede, nem frio, nem medo, nem tristeza, nem pranto, nem doença, nem dor, nem morte.

...

Queres vencer...?

Caminha Comigo!

Eu Sou Jesus.

E te amo!



Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado, pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.

natandeoliveira@yahoo.com.br

NOVELHAS

Um dia desses fui acompanhar o meu filho mais velho no hospital e, à espera, na recepção, acabei sendo obrigado a observar o que estava passando na TV, por volta das 22 horas: era uma "novelha" na Rede Globo de Televisão, "Mania de Você". Em cena, Eliane Giardini, Adriana Esteves e Mariana Ximenes. Senti uma espécie de nostalgia podre, pois elas interpretavam repetidamente esses mesmos papéis há 20 ou 30 anos, personagens que também já haviam sido encenadas por outras atrizes como Beatriz Segall, Renata Sorrah, Arlete Salles e uma penca de outras, e a trama sempre girando em torno de uma mulher poderosíssima (não pode ser homem, senão é machismo), uma vilã invejosa e vingativa, uma jovem ambiciosa e perversa, e tem ainda o amante 30 anos mais novo da chefona (neste caso, um afrodescendente bem-dotado), além dos persona-

gens da comunidade (favela) querendo o seu lugar ao sol; tem ainda o rapaz riquinho viciado em drogas, o transgênero, o oriental, o cadeirante, o gordo míope (nem sei se existem esses últimos: estou sacando) e por aí vai. Enfim, toda a pauta woke sendo religiosamente cumprida.

Nessa mesma emissora, num passado distante, as famílias brasileiras podiam assistir "Irmãos Coragem", "Selva de Pedra", "O Bem Amado", "Gabriela", "Saramandaia" e "Roque Santeiro". Era outro nível. Mas não adianta ficar choramingando, pois o país virou uma porcaria e a Globo garantiu a sua grande parcela de responsabilidade por essa decadência, mas temos a sorte de que, atualmente, pouquíssima gente ainda perde tempo de assistir esse tipo de entretenimento nocivo. Tanto é verdade que a famosa "Vênus Platinada" está correndo sério risco de quebrar, exatamente pelas escolhas que fez ao optar por essa forma de doutrinação, afastando definitivamente o público. Ciao, Globo!

Michel Salomão

Desplugue-se

Jorge F. Isah

O que aconteceria se você ficasse exposto à radiação nuclear? Como os japoneses em Hiroshima e Nagasaki? Ou os russos em Chernobyl? E arriscar-se, por anos, aos perigos dos agrotóxicos sem qualquer tipo de proteção? A nadar no Tietê somente de sunga? Ou tomar arsênico no café da manhã?

Sem entender muito do assunto, qualquer um de nós saberia a resposta: a morte imediata, a morte após algum tempo, doenças ou sequelas irreversíveis por toda a vida. O nosso corpo não suportaria um ataque como esse sem haver meios adequados de proteção, e se degeneraria, e seria destruído. Em alguns casos, não são necessários anos e anos de exposição às toxinas para sermos minados, mas apenas alguns minutos, às vezes, segundos, e somos derrotados.

Agora, imagine-se diante de uma TV, uma hora, duas, três, quatro... dia após dia, semana a semana, durante anos... seria o mesmo que oferecer-se como cobaia

numa experiência de transmutação de cérebros ou candidatar a homem-bomba, ao sujeitar-se a todo o tipo de miséria humana: degradação, perversão, injustiça, cobiça, estupor, infâmia, mentiras e delírios... Expor-se a uma programação abjeta que revela o quão próximo se está de atingir o suicídio moral, a destruição da família e, por fim, a eutanásia social... O espírito necrosa muito mais rapidamente do que o corpo.

A TV não é inocente, enquanto a maioria de nós finge ser, pois sabemos muito bem o que vemos, sabemos quais são as consequências e o quanto somos afetados. Mas a disposição para o mal encarrega-se de embrutecer a consciência, e somos arrastados pelas imagens e sons, cores e movimentos, glória, poder e ruína, como folhas ao tsunami. Alguns segundos, e são suficientes para nos levar ao engano da "máquina de sonhos", a ter entorpecidos os sentidos e agir como "eles" programaram: chorar quando é para chorar, rir quando é para rir, xingar quando não se pode calar, dormir e acordar vazio como um balão sem ar... Já

não é questão de tempo... estamos vencidos, cativos na própria alma, e pelos produtos da fábrica de abstração.

"E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus" (Rm 12.2).

O alerta é para não sermos conformados com este mundo, e a TV é a síntese do que ele é. Cristo diz-nos: "Porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal" (Jo 17.14-15). Não ser deste mundo representa não se conformar com ele; se o fazemos, é porque pertencemos a ele e não somos o alvo da oração do Senhor. "Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele... E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre" (1Jo 2.15;17).

O seu monitor ainda está ligado?

Em João 12.46 lemos: "Eu sou a luz que vim ao mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça

nas trevas". Quer dizer que há trevas e há luz; o mundo e tudo o que ele representa são trevas: "adultério, prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus" (Gl 5.19-21). Estes são os frutos da carne, as concupiscências da carne, ou pecados; e por acaso não é a eles que estamos submetidos diariamente? E se propagam através de nós?

É um massacre a persuadir e inclinar-nos às transgressões. São os recheios das novelas, reality-shows, programas de auditório, filmes e peças de teatro em cartaz ou fora dele, das músicas tocadas em casas e ruas, na literatura e na maioria da produção acadêmica atuais; são os conteúdos da internet, das revistas e jornais, onde grassa o pecado contra Deus e contra o próximo. "Porque da abundância do seu coração fala a boca" (Lc 6.45); e, "se alegram de fazer mal, e folgam com as perversi-

dades dos maus" (Pr 2.14).

Ao contrário, quantas vezes viu ou manifestou a luz ou os frutos do Espírito? "Amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (Gl 5.22)?

Então, a Palavra de Deus mantém-nos livres do domínio do pecado; com os olhos no mundo, contudo, sem nos deleitar e conformar com ele. Através dela, conhece-se o que se é, e o que se pode ser em Cristo nosso Senhor: "Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração" (Hb 4.12).

Que a nossa vida seja o produzir frutos do Espírito, contra os quais não há lei (a lei de Deus, pois a lei humana quer impedir que esses frutos se reproduzam), e "os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito" (Gl 5.24-25). Porque Cristo veio ao mundo, o qual foi

feito por Ele, e o mundo não o conheceu (Jo 1.10).

Com isso, não estou em uma cruzada, uma caça às bruxas ou algo que o valha, no sentido de tudo o que descrevi acima ser, a priori, pecado. Não é. A melhor sentença a definir nossas escolhas foi dada por Paulo: "Examinai tudo. Retende o bem." (1Tes 5:21). Ver TV ou jogar dominó pode não estar entre as suas prioridades. Ler Tostói, Dickens ou Faulkner, também. Mas a prioridade deve ser o bom Deus e sua Palavra, a qual é viva e eficaz (Hb 4:12); se por alguma razão tem negligenciado isso, aí está o seu equívoco. Se antes as coisas do mundo e que o movem são a motriz para a sua vida, é idolatria. Pode ser o trabalho, a diversão, o estudo, a leitura, a preguiça, comida, sexo, futebol, viagens, qualquer coisa que substitua (ou tente substituir) a presença de Cristo em sua vida é sinal de que as coisas não andam bem. E a consequência disso é... bem, se não sabe, deveria saber.

Portanto, fica o alerta: plugar-se ao mundo é desligar-se de Deus¹.

1 A ideia não é absoluta, nem tenta ser uma receita infalível. A hipérbole intenta levar à reflexão, e somente ela, diante da luz do evangelho, pode dizer se se está mais para lá ou cá. E ficar no meio do caminho, você sabe, não levará a lugar algum. Aos, ao lugar que a maioria gostaria de estar ou pent

Automatização

Gilberto Resende

Quando planejei migrar para SBS, pesquisei na net todas as suas vertentes, prós e contras, ou seja, na saúde, educação, mercado de trabalho, clima, turismo, etc. Conclusão: pensei que o frio seria o mais desafiador e o menos complicado o profissional, já que emprego, por ser um polo moveleiro reconhecido nacionalmente, tiraria de letra, até porque sou um bom marceneiro, alguns assim o dizem. Ledo engano! A indústria moveleira da região está anos luz à frente do resto do país. Toda automatizada, os robôs cortam, lixam, furam, planificam, pintam, bordam, etc. A mão de obra se resume a um trabalho de menor importância, perpetrada por homens e mulheres, jovens ou adultos, não importa, e não há necessidade de experiência. Uma equipe de operadores nas linhas de produção basta. As máquinas, uma vez alimentadas, vão vomitando tudo

para fora e as equipes vão amontoando tudo em carrinhos ou esteiras, num ciclo frenético e cronometrado de horas a fio. Os operadores mal têm tempo para hidratação, que dirá um "coffee break". Já quando estas primeiras engasgam, têm o privilégio de ter um cuidado e atenção de supervisores, operadores, eletricitas, etc. Talvez esta inversão seja o custo a se pagar por um segmento tão competitivo.

Este "know how" salvaguarda o empreendedor de não ficar refém de profissionais marrentos e cheios de manias, até porque ele está investindo o seu capital com o objetivo de lucro e produção. Se fosse gastar por gastar, ele o faria em um resort 5 estrelas, porque o seu patrimônio assim o permitiria. Quiçá até para 2 ou 3 gerações futuras. Mas ele opta por empreender e tem o respeito da sociedade. Afinal, ele não só leva o pão à mesa das famílias, mas, literalmente, também à própria. Mas, a um tempo em que não se torna refém de maus profissionais, ele também não cativa ninguém, principalmente os mais jovens, os quais são a continuidade em qualquer so-

cidade sadia. Pois o que chega até eles, os jovens, são casos de pais, tios, parentes, homens e mulheres que por anos colaboraram em extenuantes horas de trabalho e mal têm uma aposentadoria decente, sendo necessário continuar trabalhando. O que fazer? Voltar às práticas de produção antigas? Aumentar salários? Até pode ser, onde estes estejam defasados, mas a resposta é não! E sim promover ações administrativas que contemplem terceirizações, marketing, franquias, produção de softwares e projetos, PLR honestas, gestão de pessoal, etc. Uma repaginada completa para abrigar e cativar a mão de obra, tanto a disponível como a futura. Gestões de sustentabilidade não se aplicam apenas ao meio ambiente. A mão de obra e a força de trabalho também devem ser preservada e motivada. Quem sabe, agora, até um "coffee break" seja bem vindo? Deve se abrir o leque para novos investimentos e afins, com o objetivo de atrair jovens, pois o desinteresse e evasão, a longo prazo, compromete até a subsistência dos mais velhos, sendo necessária a vinda de estranhos para compor

as lacunas, e nunca se sabe quem viria. Situação que já é realidade em muitos países da Europa. Exposto isto, vai a pergunta: Que legado o empreendedor vai deixar? De alguém que produziu muito e deixou filhos e netos abastados, alguns até perdulários, ou de alguém que não só enriqueceu, mas produziu riquezas, as quais também foram partilhadas por toda a comunidade? Se a resposta for a partilha, provavelmente com o passar do tempo pode motivar o reconhecimento pelas autoridades públicas, e em sua memória seja instituído, no calendário cívico municipal, o "Dia do Sr., Digníssimo Provedor humanitário do bem estar social".

Lembrando que: qualquer soberano que não munícia seus vizinhos, corre o risco de ter suas fronteiras desguarnecidas.



Gilberto Resende é escritor, professor, marceneiro, colecionador e restaurador de miniaturas.

gilbertofresende72@gmail.com

DIANTE DAS CATÁSTROFES

Luiz Libório Alves da Silva

É comum, ao vermos catástrofes acontecerem, julgarmos com muita certeza os culpados. Quem está no espectro político conservador, por exemplo, une-se aos seus iguais para culpar os que são de esquerda; do mesmo jeito, aqueles que se dispõem politicamente ao lado esquerdo unem suas armas para julgar os conservadores.

Dessa forma, cada lado cria muralhas e espadas com os cadáveres da catástrofe. Há, de fato, alguém atento ao desenrolar das mortes ou apenas queremos mostrar nossa própria e aparente sapiência? Há alguém interessado?

Claro que há. Há Deus.

Em sua Palavra, Deus diz que "preciosa é à vista do Senhor a morte dos seus santos" (Salmos 116:15) e diz que "desejaria eu, de qualquer maneira, a morte

do ímpio? diz o Senhor DEUS; Não desejo antes que se converta dos seus caminhos, e viva?" (Ezequiel 18:23). Existe, logo, uma distinção para os que morrem, uma distinção que conhecemos pela fé, sem podermos ver seu fim.

Se conhecêssemos a história de um homem que, sem culpa, foi entregue por Deus para ser açoitado e pregado em uma cruz, talvez ficássemos indignados com Deus. Agora, conhecendo a completude do plano que envolvia tal morte e vendo como são feitas novas todas as coisas a partir da ressurreição de tal homem, posteriormente compreendemos. Não será assim, também, com todo o resto da história?

Diante da eternidade a vida humana é um sopro. Assim sendo, aqueles que morrem só carregam de si mesmos uma decisão valorosa, "a saber: se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Romanos 10:9).

A discussão sobre as catástrofes, portanto, é infrutífera, porque não conhecemos seu desenrolar

completo na eternidade. Deus se agrada da morte dos santos e se desagrada da morte dos ímpios, disso sabemos; mas como saber, agora, para qual fim foi erigida uma tragédia?

Esse tipo de postura é inaceitável para os descrentes, porém, porque eles só têm o mundo presente. Para eles, tudo o que vale está aqui, no planeta corrompido em que vivemos, não fazendo sentido o plano eterno. Não é para incrédulos que escrevo este texto. Escrevo para os que, crendo em Cristo como Salvador, não sabem como lidar com as catástrofes do mundo.

"Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo", como diz o Senhor, em João 16:33.

Dessa forma, fiquemos em paz.

Deus conhece os que são Dele.



Luiz Libório Alves da Silva é escritor,
poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com

“A Bula do Placebo”



ebook: R\$ 9,99

amazon.com.br ou kalamos.com.br

papo **CRISTÃO**

por Michel Salomão

O livro de Jó é meio esquisito. Segundo dizem, teria sido o primeiro livro da Bíblia a ser escrito e que o seu autor seria Moisés. Alguns afirmam que seria uma alegoria, fruto da tradição oral, com provável origem entre os Sumérios, e que a tal conversa entre Deus e o diabo teria sido uma forma de ilustrar questões como o poder do Criador e a fidelidade do homem, na figura de Jó.

Para quem não conhece a trama, Jó era um homem muito bem-sucedido, rico, tinha uma família maravilhosa, era um exemplo de crente fiel, mas num belo dia Deus, em uma conversa com o diabo, mencionou a satisfação que Lhe proporcionava sua exemplar criatura, ao que o peçonhento argumentou que desse jeito era fácil, pois ele só era fiel ao Pai em razão dos privilégios que recebia, mas se essa dádiva lhe fosse tirada, ele rejeitaria Deus. E o Todo-Poderoso resolveu desafiar o tnhoso, autorizando-o a fazer o que bem entendes-

se com Jó, contanto que preservasse a sua vida. Pois o coisa-ruim caprichou: fez toda espécie de maldades, tirou-lhe todos os bens, matou os seus filhos, separou-o da esposa e deixou a sua pele em carne viva, para que o homem renegasse Deus, mas Jó ficou firme até o fim. Comprovada a tese do Soberano, foi-lhe restituída toda a riqueza, teve vários outros filhos, todos fortes, bonitos e saudáveis, e tudo acabou bem.

Mais ou menos. Mais ou menos. Jó, possivelmente, apesar de sua fidelidade ao Senhor, deve ter sentido muita tristeza ao se lembrar dos filhos que perdeu, pois os outros, por mais maravilhosos que fossem, não os substituiriam. Filho é filho. Lembraria dos terríveis sofrimentos que passou nas mãos do cramunhão, e essas dores seriam impossíveis de apagar. Claro, sua fé fez com que superasse, mas as pessoas comuns, ao ouvirem essa história, poderiam indagar a razão de Deus ter deixado essas coisas acontecerem, pois bastaria mandar o capeta para os quintos dos infernos, mas,

conforme dissemos em diversas outras oportunidades, nesta coluna, nunca conseguiremos entender os propósitos de Deus, e assim somos levados a imaginar que Ele jamais deixaria que coisas como essas acontecessem conosco, apenas para provar alguma coisa ao maligno.

A sua vida está que nem a de Jó? Não? Agradeça a Deus.

A *Óptica Metrópole*
está de **casa nova!**

NOVO ENDEREÇO

Shopping 5ª Avenida

RUA ALAGOAS, 1314, LOJA 208 SAVASSI

ESTACIONAMENTO GRATUITO RUA ALAGOAS, 1196
TELEFONE (31) 3226 3212 | WHATSAPP (31) 984821525





RIA... PARA NÃO CHORAR



A menina chega correndo da escola, toda animada:

- Papai! Mamãe! Eu quero mudar de espécie!

O pai, preocupado, se adianta:

- Mas, minha filha, você acabou de mudar de raça e de sexo. Os tratamentos custaram uma fortuna. E você nem completou treze anos ainda. O que pretende agora?

- Eu quero me transformar em um ornitorrinco. Hoje assisti um vídeo sobre esse bicho na escola e me identifiquei totalmente.

- Ah, não: ornitorrinco, não! - gritou a mãe.

- Calma, Lúcia! Você pode traumatizar a criança...

- Mas, filha, você quer ser um ornitorrinco macho ou um ornitorrinco fêmea? - perguntou calmamente o pai.

- Hummm... ainda não pensei sobre isso. Precisarei pesquisar.

- Isso mesmo, minha filha. Vá lá no seu computador e pesquise, enquanto eu acerto os detalhes com a sua mãe.

A menina foi até o seu quarto e os pais fecharam a porta para que ela não pudesse escutar a conversa.

- Isso é um absurdo! Dessa vez não vou aprovar - disse a mãe.

- Lúcia, não fale essa besteira. E o Conselho Tutelar? Lembra que da outra vez quase fomos presos? Além disso, o juiz chegou a estabelecer uma multa milionária, que só foi perdoada porque a nossa filha pediu.

- Mas um ornitorrinco?

- Poderia ser pior.

- O que poderia ser pior do que ter uma filha ornitorrinco?

- Imagine se ela se filiasse ao PT?

- Ah, não: tudo menos isso. Prefiro um ornitorrinco.



coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Nelson, estou bastante desanimado com a situação do país. Os bandidos estão tomando conta de tudo e o governo se transformou em uma verdadeira quadrilha. Existe uma solução para isso?

Nelson – Harakiri.

Nelson, parece que eu tenho o dedo podre. Só admito gente ruim para trabalhar em minha empresa. Já estou quase fechando as portas, por conta de tamanha incompetência e desinteresse de meus funcionários. Eles só querem saber de aumento de salário e trabalho em home-office. Será que existe a esperança de encontrar gente que queira trabalhar?

Nelson – Sim: monte sua empresa em outro país.

Nelson, eu me casei virgem aos 26 anos, mas vejo que hoje em dia as meninas não esperam nem mesmo completar os 14 anos para se iniciarem na vida sexual. Você acha isso certo?

Nelson – Prefiro que seja após os 18, e aí eu passo o rodo.

O meu marido tem 75 anos e parece ter perdido o interesse sexual por mim. Mas vejo que ele olha discretamente quando passa mulheres bonitas e bem vestidas na rua. O que pode estar acontecendo?

Nelson - Possivelmente, ele pode estar se tornando um figurinista de moda, mesmo que tardiamente.

Nelson, tenho um cachorro vira-latas que só aceita comer ração super premium, que é muito cara. Não adianta nem tentar colocar de outro tipo que ele se recusa a comer. O que faço? Troco a ração?

Nelson - Troque o cachorro.

Comprei um carro novo que já apresentou toda espécie de defeitos, antes mesmo de completar dez mil quilômetros. Ele não sai da oficina: já deu pane elétrica, a bomba de calor sempre dá defeito, o óleo baixa uma barbaridade, entre outras coisas. Já não sei mais o que fazer.

Nelson - Da próxima vez, evite comprar carros da marca Jeep.

O meu sonho é morar nos Estados Unidos. Mas agora estou com medo, com essa política anti-migratória do governo Trump, que está deportando os estrangeiros ilegais. Será que vale a pena arriscar?

Nelson - Claro que vale: em última hipótese, não terá que pagar a passagem de volta.